

## II Encontro e Oficina de Choro na Escola de Música da UFBA

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE PESQUISA  
ST 12 – Choro Patrimônio Cultural do Brasil: desafios e estratégias

*Gabriela de Mello Machado*  
Universidade da Bahia  
*machado.gabi@gmail.com*

*Joel Luis da Silva Barbosa*  
Universidade Federal da Bahia  
*joelluisbarbosa@gmail.com*

### Resumo

O artigo analisa duas ações extensionistas realizadas pelo Núcleo de Choro da Escola de Música da UFBA no primeiro semestre de 2025: o II Encontro do Choro e a Oficina de Choro. O objetivo foi refletir sobre seus impactos e buscar melhorias para futuras edições. A pesquisa adotou uma metodologia participativa, com coleta de dados via documentos, redes sociais, registros audiovisuais e avaliações dos/das participantes. O II Encontro teve caráter artístico e científico, incluindo rodas de choro, recitais, mostra de composições autorais, e rodas de conversa sobre a presença negra e das mulheres no choro e a inserção do gênero na universidade. Promoveu-se a inclusão de docentes e discentes que ainda não haviam participado das atividades do Núcleo. Já a Oficina teve foco pedagógico, com atividades divididas em prática de naipes, roda didática, roda tradicional e apresentação pública. Participaram cerca de 30 a 35 pessoas por aula, com destaque para a presença feminina e de membros da comunidade externa. As práticas foram pensadas para ensinar a execução do gênero, assim como a autoconfiança para tocar na roda de choro. Os resultados indicam avanços na participação dos/das instrumentistas. A metodologia da Oficina, fundamentada no ensino coletivo e aliada à sua realização aos sábados, contribuiu significativamente para superar desafios anteriores. O artigo conclui que o modelo adotado favorece a aprendizagem musical, fortalece laços com a comunidade e promove o choro no contexto acadêmico.

**Palavras-chave.** Oficina de choro, Roda didática de choro, Encontro de choro, Arranjo musical, Ensino coletivo

**Title: Choro Activities at the UFBA School of Music in the First Semester of 2025**

### Abstract.

The article analyses two extension activities carried out by the Choro Department of the UFBA School of Music during the first academic semester of 2025: the II Choro Symposium and the Choro Workshop. The aim was to reflect on their impact and seek improvements for future editions. The research adopted a participatory methodology, with data collected through documents, social media, audiovisual records, and participants' evaluations. The II Choro Symposium had both artistic and scholarly dimensions, featuring



“roda de choro”, recitals, showcase of original compositions, and roundtable discussions addressing the presence of Black individuals and women in choro, as well as the musical genre’s integration into the academic environment. A key aspect was the inclusion of lecturers and students who had not previously participated in the activities of the Choro Department. The Choro Workshop had a pedagogical focus, comprising instrumental sectionals, didactic “roda de choro”, traditional “roda”, and a final public performance. Around 30 to 35 people participated at the meetings, with relevant representation of women and members from outside the academic community. The workshop’s structure was designed to teach both the performance practice of the genre and to foster participants’ confidence to play in traditional choro sessions. The findings indicate progress in the activity’s participation. The workshop’s methodology, based on collective teaching and facilitated by rescheduling to weekends, played a significant role in addressing previously encountered challenges. The article concludes that the adopted model enhances musical learning, strengthens community engagement, and contributes to the promotion of choro within academic settings.

**Keywords.** Choro workshop, Didactic “roda de choro”, Choro symposium, Musical arrangement, Collective teaching

## Introdução

Este artigo busca colaborar com o desenvolvimento do tema que trata da presença do choro em escolas de música formais. Ele foca nas atividades de choro realizadas em uma escola de música de uma universidade federal. Apesar de não discutir a sua premissa, o trabalho defende que a presença do choro em uma escola de música federal, quer seja teórica ou prática, é fundamental na formação profissional do/da musicista brasileiro. O Dossiê Técnico do Choro (CAMPOS; ARAGÃO; VELLOSO, 2023), documento que serviu de base para o reconhecimento do gênero como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo IPHAN, faz um registro relevante da presença do choro nas instituições acadêmicas brasileiras.

As ações educacionais baseadas na cultura do choro vêm sendo desenvolvidas por instituições, professores e musicistas que criaram núcleos e projetos didáticos diversos ao longo dos anos, em grande parte de maneira autônoma e sem qualquer apoio financeiro ou estrutural. Se, por um lado, é desejável manter a autonomia conquistada, preservando a diversidade de metodologias desenvolvidas por cada núcleo e respeitando as características de cada região, por outro, é certo que todos carecem de apoio. (CAMPOS; ARAGÃO; VELLOSO, 2023, 179)

Considerando a atual etapa da patrimonialização, o artigo espera contribuir com a reflexão sobre as recomendações de salvaguarda do choro, mais precisamente com o eixo da educação, conforme consta no Dossiê:



As recomendações para o plano de salvaguarda abrangem três polos – Educação, Memória e Produção –, tendo como premissas a valorização das comunidades locais, a diversidade de práticas e repertórios, as especificidades e as necessidades de cada região. (CAMPOS; ARAGÃO; VELLOSO, 2023, 178)

Assim, o artigo tem como objeto de estudo as ações de choro realizadas na Escola de Música da UFBA no primeiro semestre letivo de 2025. Uma ação foi artística e científica, o II Encontro do Choro da UFBA, enquanto a outra mais pedagógica. Ambas foram realizadas como projetos de extensão pelo Núcleo de Choro da EMUS. O artigo tem por objetivo refletir sobre estas duas ações com o intuito de compreendê-las mais amplamente e melhorá-las para suas próximas edições.

A investigação fez uso do método participativo, pois os pesquisadores/as são integrantes do Núcleo de Choro e estão envolvidos, diretamente, na realização das ações estudadas. A coleta de dados se deu por meio: 1) da revisão da literatura pertinente, 2) dos Blogs, Drive e Instagram desenvolvidos para as duas ações, 3) das comunicações e arquivos postados (textos, partituras, áudios e gravações audiovisuais) nos grupos de Whatsapp dos/das participantes da Oficina e do Núcleo, incluindo a avaliação da Oficina feita por meio de questionário, 4) de documentos oficiais do projeto de extensão e 5) gravações audiovisuais no Youtube. Primeiramente, foram analisados os textos, os documentos, as partituras, as gravações, e os depoimentos, e, em seguida, procedeu-se ao cruzamento destes dados para a sua reflexão. Ressalta-se que, no caso da Oficina, focou-se nas atividades dos instrumentos solistas, devido à quantidade de conteúdo geral e do escopo do artigo.



## O Núcleo de Choro e a Problematização

O Núcleo de Choro é composto por nove integrantes, sendo dois docentes da Escola, três estudantes de graduação e pós-graduação, e quatro egressos da graduação e pós-graduação. Ele trabalha no sentido de realizar o Programa de Extensão Roda de Choro. Segundo o documento de extensão (UFBA, 2023), o Programa tem por objetivos valorizar o choro no meio acadêmico e na comunidade da cidade de Salvador, estimular a sua presença nas atividades acadêmicas, contribuir com a formação dos/das estudantes, e fortalecer os laços entre a universidade e a sociedade. Vale ressaltar que os currículos dos cursos da Escola (UFBA, [2016?]) apontam que seus currículos têm componentes curriculares que podem incluir o choro, a depender do foco do/da docente, contudo não há nenhum componente específico voltado ao gênero.

O Programa de Extensão foi criado em agosto de 2023 e vem, desde então, desenvolvendo atividades ligadas à prática do gênero. Para contextualizar com algumas ações do programa, em 2023 e 2024.1, foram realizados dois projetos: Roda de Choro e Choro na EMUS, em dias e locais diferentes. A Roda de Choro acontecia no pátio da Escola, e o Choro na EMUS em seu Auditório em formato de apresentação. No segundo semestre de 2024, o Programa criou o projeto Roda de Choro Didática, onde a cada semana uma roda tradicional intercalava com a roda didática. O objetivo principal da roda didática foi aumentar a participação dos estudantes da Escola de música e da comunidade soteropolitana. Ao final do semestre, observou-se que: 1) a média de participação na Roda de Choro Didática foi de oito musicistas, além dos sete do Núcleo (UFBA, 2024), 2) houve uma menor participação na roda tradicional em relação à didática, talvez por receio dos/das participantes, e 3) o tempo de uma hora e meia pode não ter sido suficiente para a roda didática atender às demandas dos/das instrumentistas.

O maior desafio do programa tem sido, assim, achar um horário semanal que seja oportuno para os/as participantes, da Escola e externos, frequentarem as atividades o semestre inteiro, assim como aumentar o seu número e sua participação na roda de choro tradicional. Como foram experimentadas atividades no horário do almoço e no final da tarde nos dias oficiais de aula, o Núcleo criou a Oficina de Choro aos sábados de manhã, com duração de três horas no primeiro semestre de 2025. A fim de incentivar também a participação dos/das aprendizes na roda tradicional de choro, a Oficina experimentou uma metodologia diferente de



2024. Ela incluiu ensaios de naipes<sup>1</sup>, a roda didática, e a roda de choro tradicional logo após a didática. Além disso, realizou-se uma apresentação pública dos resultados da Oficina, e o II Encontro do Choro com um maior envolvimento dos/das docentes e discentes.

Desta forma, o artigo aborda a seguinte questão: O formato da Oficina de Choro contribuiu, ou não, com os problemas apontados em relação à qualidade de participação e a autoconfiança dos/das instrumentistas para tocar na roda tradicional? Assim, a reflexão será realizada a partir da descrição e análise do II Encontro e da Oficina.

## **II Encontro do Choro da UFBA**

O II Encontro do Choro ocorreu de 21 a 26 de abril. Esta edição do Encontro teve como objetivo principal incluir docentes e discentes que não tem participado das ações de choro da EMUS. Além disso, o Encontro visou refletir sobre a atividade de choro na universidade, dialogar sobre a presença negra e das mulheres no gênero, e expandir a relação da Escola com os grupos e espaços de choro da cidade. Assim, foram realizadas roda de choro, mostra de choros autorais, recital, concerto e roda de conversa.

Quatro rodas de choro integraram a programação. Além do grupo da EMUS, dois outros grupos (Massaranduba e Gente do Choro) realizaram rodas, sendo que uma foi na EMUS e as demais no Batatinha Bar e Restaurante. Na roda da EMUS, participaram estudantes convidados que não costumam comparecer nas atividades de choro. A mostra de choros autorais destacou seis compositores/as da Escola de Música. Vale ressaltar que a mostra foi uma demanda da mesa redonda de Composição no Choro, realizada na edição de 2024.

Aconteceram três recitais que envolveram, além do grupo Choro da EMUS, o grupo Choro da Feira (de Feira de Santana), um duo, um quinteto feminino e dois solistas convidados (uma professora de piano da Escola e o músico Almir Côrtes, professor e pesquisador da UNIRIO). Dois recitais aconteceram na EMUS e um na Varanda do SESI Rio Vermelho. Este último fez parte da parceria do II Encontro com a série Segundas do Chorinho, realizado pelo Duo Encanto Brasileiro. O quinteto foi formado exclusivamente por mulheres e para o evento, a fim de tocar em um recital que teve como tema “mulheres tocando choros de mulheres”. O

---

<sup>1</sup> Embora o termo naipe não seja usualmente utilizado na prática do choro, ele foi escolhido para facilitar o entendimento de um grupo de instrumentos com a mesma função musical.



quinteto foi composto por duas professoras, duas pós-graduandas e uma ex-estudante, em uma formação instrumental inovadora: flauta, violoncelo, contrabaixo acústico, piano e pandeiro. No mesmo recital, se apresentou também a professora convidada tocando choros para piano de sua avó, resultado do doutorado da mesma. As três professoras da EMUS nunca tinham participado das atividades de choro do Núcleo. Também foi realizado um concerto no Palácio da Reitoria da UFBA em que participaram o grupo Choro da EMUS com os músicos convidados Almir Côrtes e Jailson Coelho, e a Filarmônica UFBA.

Foram realizadas duas rodas de conversa. A primeira teve como tema “A presença negra e das mulheres no choro”. Esta foi protagonizada por duas pós-graduandas, um professor de etnomusicologia da UFBA e uma das professoras de piano mencionada anteriormente, como mediadora. Os trabalhos tiveram como título: “Mulheres no Choro”, “Chiquinha Gonzaga”, e “O Choro como patrimônio negro africano: reescrevendo a história do gênero a partir da Etnomusicologia Negra”. Ressalta-se que esta foi a primeira participação do professor nas atividades de choro da EMUS. O tema da segunda roda de conversa foi “O Choro na Universidade”. Além do coordenador do Núcleo de Choro, dois docentes de universidades convidadas (UNI-RIO e UFRB) integraram a mesa da roda.

## **A Oficina de Choro**

Os objetivos principais da Oficina foram: 1) aumentar o número de participantes que não podiam estar presentes durante a semana, 2) propiciar mais tempo de contato com o choro através de apontamentos específicos para cada grupo, abordando assim suas funções no regional de choro, 3) viabilizar um processo didático onde o/a instrumentista pudesse aprender sua função musical separadamente, praticá-la no grupo e estar apto/a para tocá-la na roda de choro.

As inscrições das oficinas foram divulgadas no Instagram, nas páginas do PPGMUS, da Roda de Choro na EMUS, replicado nas páginas individuais dos integrantes do Núcleo e nos grupos de Whatsapp da prática de choro da EMUS e da Filarmônica UFBA. Inicialmente, foram sessenta e nove inscritos, mas no decorrer dos encontros a média de presença ativa foi de trinta a trinta e cinco pessoas, incluindo os oitoicineiros/as. Destas, vinte e três concluíram, sendo quatorze em instrumento solista, três em violão, seis em pandeiro e nenhum/ma em cavaquinho. Houve um aumento dos/das participantes em relação à Roda Didática de 2024, de oito para



vingte e três instrumentistas. A participação da comunidade foi maior, pois apenas 29% (sete dos vinte e três) eram da Escola. A faixa etária também mudou, expandindo para uma faixa etária de adultos. Em relação à questão de gênero, a presença feminina foi significativa, alcançando 54% do grupo.

A Oficina foi desenhada com nove encontros. Por motivos de interdição da Escola de Música pela companhia de energia elétrica do Estado e de chuvas que impossibilitaram o deslocamento das pessoas, ela foi concluída com sete atividades, sendo que a última foi a apresentação pública no Palácio da Reitoria da Universidade. Os encontros foram divididos em três ações didáticas. A primeira hora foi destinada à prática de naipe, com o grupo separado em quatro conjuntos: instrumentos solistas, cavaquinho, violões de 6 e 7 cordas e pandeiro. A segunda hora foi dedicada ao grupo completo, no formato de roda didática, e a última à roda de choro tradicional com todos/as os/as participantes da Oficina e aberto à comunidade em geral.

O repertório a ser estudado durante a semana era disponibilizado no Google Drive com partituras (*lead sheet*<sup>2</sup> - encontrado nos *songbooks* de choro), para instrumentos em dó, si bemol e mi bemol, além de links de versões de gravações no aplicativo Whatsapp. Ele foi organizado a partir do nível técnico do grupo, com choros mais e menos conhecidos, com diversidade rítmica (maxixe, polca, choro e choro-sambado) e diferentes andamentos. Cinco músicas foram trabalhadas: “Diplomata” de Pixinguinha, “Vou vivendo” e “O gato e o canário” de Pixinguinha e Benedito Lacerda, “Benzinho” de Jacob do Bandolim, e “Amadeo comendo água” de Cacau do Pandeiro. Apenas duas delas não foram escolhidas para a apresentação, a polca “O gato e o canário”, por dificuldades técnicas, e “Amadeo comendo água”, por ter sido o último choro trabalhado e não ter ficado pronto para ser apresentado.

Além do desafio de tocar o repertório, a prática de naipe foi direcionada para experimentar estratégias de ensino e aprendizado. Com relação ao grupo de instrumentos solistas, foram trabalhadas quatro atividades didáticas. A primeira foi a escuta crítica de gravações com a percepção de ornamentações e recursos interpretativos. A segunda tratou do estudo de claves (frases rítmicas) pertinentes aos subgêneros do choro (polca, maxixe, choro e choro-sambado), que foram trabalhadas em escalas e motivos do repertório. A terceira priorizou

---

<sup>2</sup> *Lead sheet* é uma notação musical simplificada, muito usada em música popular, que contém: melodia, cifra e, no caso do choro, alguns baixos de obrigação.



a execução da melodia e o contraponto escrito, quando havia. Por fim, a quarta abordou rudimentos de improvisação com a prática de arpejos nas cifras das músicas, com e sem a utilização de notas de aproximação. O intuito foi dar suporte estilístico para uma maior desenvoltura de cada instrumentista.

Na roda didática, os naipes se juntavam para formar um grande regional. Esta ação tinha por objetivo juntar a melodia, o contracanto (quando havia) e o acompanhamento rítmico-harmônico, assim como formatar o arranjo final de cada choro para a apresentação pública. Inicialmente, todos tocavam juntos, com os instrumentos solistas tocando em uníssono. Quando havia contracanto, aprendia-se a melodia e, depois, o contracanto. Em seguida, os instrumentos solistas eram divididos em três famílias (instrumentos de arco, madeira e metal), que se revezavam para tocar as diferentes seções do choro, de maneira que todas tocassem todas as seções. Por fim, os/as instrumentistas se revezavam tocando cada parte da melodia individualmente, como na função de solo na roda de choro. Os arranjos finais de cada choro foram definidos nos dois últimos encontros antes da apresentação. As etapas de se tocar em grupo completo, grupos menores e solos serviram de experimentação para formatar os arranjos, procurando equilibrar o coletivo e as seções do choro com as diferentes densidades timbrísticas. Esse procedimento propiciou também o desafio didático de alguns/mas instrumentistas tocarem como solistas nas seções do choro.

Os encontros eram encerrados com uma roda de choro tradicional. As primeiras rodas tiveram participação de musicistas da cena do choro da cidade, que serviu como contribuição inicial para o fortalecimento do projeto. De fato, a roda foi a atividade com menor participação ativa dos/das instrumentistas, que alegavam não se sentir seguros/as para tocar um choro inteiro ou não ter a música memorizada, embora fosse permitido a utilização de partituras na atividade. Na maioria das vezes, a sugestão para que dois/duas ou três participantes tocassem juntos funcionava, como nos momentos camerísticos da roda didática, onde um/a instrumentista mais experiente dava suporte ao menos experiente. A heterogeneidade técnica/musical do grupo foi um fator desafiante e, ao mesmo tempo, estimulante, tanto para os/as oficinairos/as quanto para os/as participantes. Para os instrumentos solistas, a prática isolada de naipe contribuiu muito para que os/as oficinairos/as propusessem exercícios variados para melhorar a execução dos/das instrumentistas de diferentes níveis, bem como para exemplificar as etapas de preparação da



execução dos choros. Assim, o repertório ficou mais amadurecido no formato de roda didática, pois privilegiava a todos, e, por esse motivo, ele foi escolhido para a apresentação pública.

## **Resultados e Reflexões**

O desafio de otimizar e aumentar a participação ativa da Escola de Música e da comunidade em geral foi alcançado, uma vez que a audiência aumentou e, além disso, se manteve pelo período inteiro das atividades. Contudo, alguns poucos participantes não se sentiram seguros para tocarem na apresentação final. Além disso, foi verificada uma presença feminina significativa.

A avaliação feita pelos/as participantes ocorreu em dois momentos, presencialmente e pelo grupo de Whatsapp. No último encontro das Oficinas, foi pedido para que o grupo comentasse e sugerisse melhorias. Uma aluna do bacharelado em instrumento enfatizou a relevância de um projeto de Extensão “verdadeiramente democrático dentro da Universidade” e com a presença da comunidade. Uma ex-aluna da Licenciatura comentou sobre a importância de ações como esta, pois em seu curso faltaram disciplinas voltadas para a música brasileira. Um aluno do curso de mestrado sugeriu que a Oficina pudesse enfatizar também aspectos históricos da música popular brasileira.

A avaliação virtual se deu pelo aplicativo Whatsapp, onde foi solicitado que os/as participantes escrevessem sobre pontos positivos, negativos e sugestões. A inclusão da apresentação final foi considerada um ponto positivo por grande parte do grupo. Uma participante de pandeiro relatou sobre a conexão do choro com sua família, mencionando que ela é ouvinte assídua do gênero desde criança e que seu filho, também ainda criança, já pede para a inteligência artificial: “Alexa, toca Benzinho de Pixinguinha [sic]!”<sup>3</sup> Enquanto uma participante considerou positiva a presença de “vários níveis de aprendizado”, outro a relatou como negativa. Este último foi um violonista que desistiu da Oficina e informou que seus motivos foram: 1) a incompatibilidade do repertório com o seu nível técnico, 2) a diversidade de níveis na classe, e 3) a sua falta de habilidade com a leitura de partitura. Vários sugeriram que as partituras deveriam ficar disponíveis, pelo menos, uma semana antes, pois algumas vezes elas foram disponibilizadas apenas três dias antes.

---

<sup>3</sup> Lembrando que Benzinho é de Jacob do Bandolim.



Dentre os/as concluintes, o grupo mais numeroso foi o de instrumentos solistas. Esta maior permanência até o final do curso talvez se explique pelo fato destes/as participantes terem maior domínio de leitura de partitura do que os de violão, por exemplo, uma vez que estes dois grupos fizeram uso de partituras nas práticas de naipes e na roda didática. Embora a Oficina tenha mesclado a utilização da leitura com a escuta das gravações, a falta de intimidade com a partitura tornou-se uma dificuldade para o grupo de violão, pois precisavam de mais tempo para a preparação do repertório.

Por fim, vale acrescentar que o Programa de Choro já começa a contribuir com a formação de instrumentistas para o cenário do gênero em Salvador. Um estudante de violino e uma estudante de flauta do curso de Bacharelado que têm frequentado as ações do Programa, desde 2024, têm participado ativamente nas rodas de choro da cidade.

Certamente, o fato das atividades da Oficina terem sido coletivas colaborou muito com os resultados alcançados. Esta modalidade didática promove trocas relevantes e simultâneas de saberes entre os/as aprendizes, assim como construções coletivas de conhecimentos e de compreensões profundas da obra musical trabalhada. O aprendizado não fica limitado apenas à transmissão de informações por instrutores/as, como ocorre, com certa frequência, no ensino individual. Além disso, Santos afirma que:

Guardadas as devidas proporções, tais motivos ainda são extremamente pertinentes e fundamentam a importância do ensino coletivo na atualidade: a praticidade e o melhor aproveitamento de esforços do professor, melhorando o rendimento do ensino e principalmente a relação custo-benefício das aulas. (SANTOS, 2016, 24)

Vale ressaltar também que o prazer musical significativo, a motivação e o sentido de pertencimento ao grupo constituem aspectos essenciais da aprendizagem musical que são fortalecidos no ensino coletivo.

## **Considerações Finais**

Considerando a problematização apresentada e a questão da pesquisa, é possível inferir que o formato pedagógico da Oficina pode ter contribuído para amenizar os problemas levantados. Foi observado que houve uma participação ativa maior que 2024, tanto de estudantes da Escola como da comunidade, assim como da autoconfiança do grupo para tocar



na roda tradicional. Acreditamos que este resultado se deve, principalmente, à mudança da atividade para o fim de semana, ao ensaio de naipes, ao formato da roda didática e à apresentação pública. Além disso, o II Encontro do Choro também pode ter motivado esta participação dos/das instrumentistas.

## Referências

CAMPOS, Lúcia Pompeu de Freitas; ARAGÃO, Pedro de Moura; VELLOSO, Raphael Henrique Soares. (Coord.). Choro: Instrução Técnica do Processo de Registro do Choro como Patrimônio Cultural do Brasil. Rio de Janeiro: ACAMUFEC/IPHAN, 2023. 203 p. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/DossietcnicodoChoro.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SANTOS, Wilson Rogério dos. *Educação Musical Coletiva com Instrumentos de Arco: Uma Proposta de Sistema em Níveis Didáticos*. Salvador, 2016. 498 f. Tese (Doutorado em Música). Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/24067>. Acesso em: 21 jul. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). *1991 - Proposta de Ação de Extensão: Roda de Choro da EMUS*. [Documento oficial de acesso restrito]. 4 f. Salvador: Pró-Reitoria de Extensão da UFBA, 07 jul. 2023.

UFBA. Fluxogramas e Grades Curriculares, [2016?]. Sítio eletrônico da Escola de Música da UFBA de acesso público dos documentos oficiais de seus cursos. Disponível em: <https://dmusufba.com/fluxogramas-e-grades-curriculares>. Acesso em: 25 jul. 2025.

UFBA. Atividades de choro na Escola de Música da UFBA. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 34, 2024, Salvador. *Anais...* Salvador: ANPPOM, 2024. 1-13. Disponível em: [https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2024/papers/2407/public/2407-10687-1-PB.pdf](https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2024/papers/2407/public/2407-10687-1-PB.pdf). Acesso em: 25 jul. 2025.

